O PROTAGONISMO NAS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS DE CINCO ANOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

NARRATIVES OF FIVE-YEAR CHILDREN DURING STORAGE ACCOUNT

Juliana Lopes Goulart Ghizoni¹

Édina Regina Baumer²

RESUMO: A presente pesquisa consiste em um estudo sobre o protagonismo nas narrativas das crianças de cinco anos na contação de histórias. Iniciou-se do problema “as crianças de cinco anos são protagonistas no ato de contar histórias?” Dispondo como objetivo geral: analisar a protagonização das crianças de cinco anos na contação de histórias. Os objetivos específicos foram: verificar quais os recursos utilizados pelas crianças durante a contação de histórias; investigar quais histórias as crianças escolhem para contar, perceber se as crianças fantasiam novas histórias a partir de experiências da realidade e verificar o que as crianças imaginam a partir de objetos do seu cotidiano, relacionados às histórias que contam. A pesquisa de campo de cunho qualitativo foi realizada com dez crianças da mesma turma em uma escola no município de Criciúma/SC a partir de uma observação participante. O referencial teórico teve como base autores como: Cabral (1998), Girardello (2007), Honorato (2007), Vigotski (2009), entre outros. A partir da análise de dados, foi possível observar que todas as crianças foram protagonistas durante a roda de histórias, pois estas criaram coletivamente uma história acrescentando também, experiências da realidade vivenciadas. Além disso, tomaram decisões, e tiveram autonomia para escolherem como e qual história contar.

PALAVRAS CHAVE: Crianças. Narrativas. Protagonista.

ABSTRACT: The present research consists in a study about the narration by children (five years) during storytelling. It began with the problem "Are the children protagonists in storytelling?" Set out as a general goal: to analyze the protagonism of five-year-old children in storytelling. The specific objectives were: to check what resources children used during storytelling; to investigate what stories children choose to tell; to investigate whether children fantasize new stories from real experiences and check what children imagined about everyday objects related into the stories they told. Qualitative field in locus research was carried out with ten children from the same class at a school in the city of Criciúma / SC from a participant observation. The theoretical reference is based on authors such as: Cabral (1998), Girardello (2007), Honorato (2007), Vigotski (2009), among others. From the data analysis, it was possible to observe that all the children were protagonists during the story wheel, since

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Unesc. Juliana-lobes-18@hotmail.com

² Orientadora. Professora. Mestre em educação. Professora da Unesc. edinabaumer@gmail.com

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

they created a history collectively adding also, real experiences. In addition, they made decisions, and had autonomy to choose how and which story to tell.

KEYWORDS: Children. Narratives. Literature. Protagonist.

1 INTRODUÇÃO

As histórias da Literatura Infantil contadas para as crianças enriquecem o seu repertório, além disso, com os livros a imaginação é desenvolvida, criando situações para descobrir o mundo.

O tema deste estudo é “O protagonismo nas narrativas das crianças de cinco anos na contação de histórias”. O interesse pelo tema surgiu no convívio com as crianças de uma escola de Educação Infantil particular, durante o estágio não obrigatório em 2017, no qual vivenciei junto com a turma do infantil 3 o projeto “O mundo encantado de Monteiro Lobato”, em que as obras do autor Monteiro Lobato foram contextualizadas e significativas para as crianças.

A turma foi escolhida para a realização da pesquisa, pois ao conviver diariamente com essas crianças desde 2017 até o momento, criamos um vínculo afetivo, além disso, ouvir suas vozes foi a motivação para registrar suas falas.

O problema que norteou a pesquisa foi: as crianças de cinco anos são protagonistas do ato de contar histórias? Nessa perspectiva, o objetivo geral foi analisar a protagonização das crianças de cinco anos na contação de histórias.

Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivos específicos: verificar quais os recursos utilizados pelas crianças durante a contação; investigar quais histórias as crianças escolhem para contar; perceber se as crianças fantasiam novas histórias a partir de experiências da realidade e verificar o que as crianças imaginam a partir de objetos do seu cotidiano, relacionados às histórias que contam.

Esta pesquisa será importante para a sociedade em que vivemos, pois é essencial valorizar a fala das crianças em nossa sociedade. Como também, propiciar que as crianças tenham acesso a livros desde cedo, realizando experiências significativas, além disso, a literatura é de suma importância para o desenvolvimento de habilidades, competências e

estímulos que desenvolvem o hábito da leitura e a formação de um sujeito crítico e atuante em nossa sociedade.

Por fim, a interação da criança com o livro amplia o repertório, motivando-a assim, a fazer perguntas, e são as perguntas que movem o mundo.

2 A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA

A criança tem uma história e particularidades diferentes, pois existem várias infâncias e várias crianças e esses conceitos não devem ser generalizados, além disso, as crianças de zero a cinco anos têm o direito social de frequentar creches e pré-escolas preferencialmente no mesmo bairro (BRASIL, 2010).

De acordo com o Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil essencial valorizar a criança que protagoniza ações, pois são sujeitos “[...] com vontade própria, capazes e competentes para construir conhecimentos, e, dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vivem.” (BRASIL, 1998, p.14).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a criança é um:

[...] Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

É dever do Estado assegurar um ensino gratuito e de qualidade, visando práticas pedagógicas que articulem o conhecimento prévio das crianças com o conhecimento científico, a fim de promover o desenvolvimento integral das mesmas, possibilitando envolver as múltiplas linguagens e os eixos norteadores, sejam eles, matemática, movimento, natureza e sociedade, música, artes visuais, linguagem verbal e escrita, com metodologias contextualizadas que ampliem as experiências de todos (BRASIL, 2010).

Os eixos essenciais da Educação Infantil são as interações e as brincadeiras. A interação é uma ação recíproca ou compartilhada entre os indivíduos que promova a transformação dos sujeitos que estão interagindo, além disso, nas brincadeiras e interações as

crianças constroem sua identidade, aprendem, imaginam, constroem sentidos e produzem cultura (BRASIL, 2010).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010) enfatizam que as crianças são sujeitos de direitos que devem ter acesso a obras literárias que “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais ou escritos.” (BRASIL, 2010, p. 25).

No Brasil a literatura para crianças surgiu no século XIX, com adaptações de contos e traduções de fábulas vindas da Europa. Neste contexto, Cabral (1998) faz uma crítica à literatura escrita no Brasil naquela época, pois as histórias tinham um intuito moralizante, resumindo-se a uma lição de moral, com narrativas fáceis.

Em 1920, o autor Monteiro Lobato traz mudanças significativas nas histórias da Literatura Infantil, mudando as temáticas e os discursos das histórias. A boneca Emília, personagem criada por Monteiro Lobato, “[...] abre espaço para a voz questionadora do personagem-criança.” (CABRAL, 1998, p. 154).

Em 1960 e 1970, autores como Ziraldo, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, entre outros, escreveram prosas e poesias, enriquecendo e transformando a Literatura Infantil no Brasil, assim alcançou-se o estatuto literário. Desse modo, a literatura modificou a estrutura e os temas, melhorando a qualidade das obras literárias para o público infantil (CABRAL, 1998).

De acordo com Cabral (1998), o sujeito não nasce leitor, portanto, as primeiras experiências com histórias devem ser contextualizadas e significativas para formar leitores críticos que protagonizem no mundo em que vivem.

Segundo Cabral (1998, p. 162)

A formação do leitor não é natural e requer diálogo constante com a cultura e com a história. As primeiras experiências significativas com a leitura, as que ficam devidamente registradas, dizem respeito muito mais a um ambiente de leitura do que a alfabetização em sentido escrito. [...] o contexto cultural rico em experiências diversificadas com a leitura é extremamente relevante no processo de formação do pequeno leitor.

O livro se torna legítimo quando a criança dialoga com o autor e co-produz sentido para a história de maneira significativa, criando o hábito de ler. Portanto, é necessário explorar na criança o imaginário, o faz de conta, assim, a criança desenvolverá um poder imaginativo (CABRAL, 1998).

2.1 A relação entre o narrador e ouvinte, imaginação e a realidade

Vigotski (2009) afirma que realidade e imaginação estão interligadas de quatro maneiras. Na primeira maneira, o ato imaginativo constitui-se das diversas experiências vivenciadas ao longo da vida. Na segunda forma de ligação entre imaginação e realidade, criam-se novas combinações a partir das vivências de outros sujeitos, quando lemos um jornal, uma carta, quando alguém descreve um lugar que não visitamos, nesse contexto, imaginamos pela socialização ou pelas experiências compartilhadas.

A terceira ligação entre a imaginação e a realidade são as emoções, quando a criança fantasia uma história com heróis, por exemplo, muitos sentimentos podem ser vivenciados, como alegria, medo, tristeza, entre outros. A imagem do Lobo Mau imaginada pela criança pode não ser real, mas o medo e o susto são sentidos e vivenciados profundamente (VIGOTSKI, 2009).

A última ligação entre imaginação e realidade “[...] consiste em que a construção da fantasia pode representar algo essencialmente novo [...] ao assumir uma nova forma material, essa imagem cristalizada, convertida em objeto, começa a existir realmente no mundo [...]” (VIGOTSKI, 2009, p. 19).

Somando as ideias de Cabral (1998) e Vigotski (2009), vemos em Zilberman (2003) que o convívio com diversos gêneros textuais ampliam os horizontes, com isso a literatura infantil realiza uma função formadora. Nesse contexto, quanto mais amplo for o repertório da criança, mais possibilidades ela terá de interagir e trocar saberes com os outros ao seu redor.

De acordo com Zilberman (2003, p. 25) a literatura:

[...] sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas ou diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

Cabral (1998) cita elementos que mediam a relação entre a criança e a leitura. Primeiro a autora destaca a qualidade do livro escolhido, é importante observar se o livro tem autor, se não há inadequações ortográficas presentes na história, ilustrações que despertem o interesse e um conteúdo rico, não apenas com frases soltas e sem contexto.

Outro elemento descrito pela autora diz respeito a quem conta uma história, que está mediando as primeiras leituras de uma criança, essas leituras devem ser contextualizadas e relacionadas com a visão de mundo da criança.

Cabral (1998, p.168) destaca que:

A relação com o ato da leitura nem sempre é prazerosa, pois depende, substancialmente, de mediadores sensíveis e atentos à singularidade de cada indivíduo e, obviamente, a suas diferenças. Quanto mais a criança tem acesso a textos universais, a leituras espessas, contextualizadas, mais exigente e curiosa será a sua perspectiva de leitura

Para Cabral (1998) é importante que a criança tenha acesso a obras literárias desde os primeiros meses de vida, com histórias contextualizadas que permitam que a mesma tenha interesse em conhecer o mundo letrado, com isso, “[...] é no binômio bem traçado entre leitor e memória, leitura e prática cultural, que se vislumbra alguma luz para a história da leitura, para a formação do leitor, grande ou pequeno.” (CABRAL, 1998, p. 168).

Perroni (1992) identifica situações vivenciadas pelas crianças no processo de aquisição da narrativa, são esses, os jogos de contar em que se faz necessário a presença do adulto para mediar o enunciados dos sujeitos, fazendo questionamentos e valorizando esses momentos de troca, a fim de ampliar essas experiências.

Outro percurso citado por Perroni (1992) são as colagens, em que as crianças narram suas experiências e incluem fragmentos de uma história literária. E também, as combinações livres, quando as crianças contam relatos unindo vivências reais com fantasias.

Para Sisto (2005) é importante ter contato com a literatura desde cedo, pois são nessas experiências de contação de história que a criança se familiariza com o mecanismo

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

narrativo e cria um vínculo afetivo com o contador. Quanto mais ricas são as experiências literárias e o contato livre com os livros, que envolve o contemplar e o fazer, mais amplo será o repertório cultural da criança, sendo esta, co-autora da obra.

Honorato (2007), Reis (2016) e Neitzel (2016) enfatizam que as experiências literárias permitem um saber sensível, possibilitando despertar emoções, descobertas, interação, além disso, as crianças que tem acesso aos livros, sendo este visto como um brinquedo a ser tocado, sentido e explorado em todas as suas dimensões estética, cores e formas, valorizam o livro como um bem cultural a ser compartilhado com seus pares.

Segundo Honorato (2007) é essencial valorizar a voz da criança como sujeito ativo em nossa sociedade que produz cultura. Contudo, faz-se necessário perceber as crianças que pouco falam, observar suas expressões e possibilitar oportunidades para que estas participem e falem ou expressem de outro modo o que sentem, o que pensam e como percebem o mundo.

De acordo com Honorato (2007)

A narrativa aqui é considerada como uma das ações que se dá em um campo de tensão permeado pela imaginação, pela cultura e pela linguagem; campo no qual a criança estará atribuindo significação aos dados da cultura, numa estratégia contínua de leitura e produção de sentidos. (HONORATO, 2007, p. 3).

Convergingo para as ideias de Honorato (2007), Girardello (2007) evidencia que a criança, ao narrar, pode estar recontando a história de um livro, contar sobre situações do seu contexto social ou contando uma história a partir de situações vividas ou imaginadas. Quando a criança oraliza uma história da literatura, as palavras utilizadas naquele momento sempre modificam a cada narração, ou seja, a cada narração novos significados são atribuídos ao conto.

Segundo Girardello (2007), a narrativa tem três aspectos, são esses, a voz, a presença e a imaginação. Com a vibração da voz durante a narração cria-se uma interação entre os sujeitos, e esses expressam diferentes sentimentos, de susto, alegria, empatia, tristeza, arrepios, entre outras emoções que uma história contada com emoção pode proporcionar.

É necessário encontrar-se com o outro para contar uma história oralmente, quanto mais próxima os sujeitos estão, maior é a interação e o afeto. Além disso, ao narrar uma

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

história sem o recurso do livro, cada sujeito envolvido imagina os personagens e os cenários de diferentes formas, ampliando o imaginário (GIRARDELLO, 2007).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), ao imaginar, os materiais podem ter outros significados durante a ação das crianças, um cabo de vassoura, por exemplo, pode se transformar em um cavalo para a criança cavalgar e desbravar outros lugares, as pedras pequenas encontradas pelo caminho podem se transformar em comida para a boneca, as sucatas podem ser recicladas e cria-se brinquedos com as mais diferentes formas e tamanhos, a panela pode virar, de repente, um chapéu.

Por fim, oferecer melhor acesso aos bens culturais que estão disponíveis na leitura reafirma sua dimensão transformadora, pois ler e atuar politicamente no mundo são atividades que se complementam.

3 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Segundo Santos e Santos (2010) a pesquisa em educação é uma forma de buscar respostas para nossas indagações e tornar-nos leitores mais críticos.

Neste estudo, o problema que norteou a pesquisa foi: as crianças de cinco anos são protagonistas do ato de contar histórias? Dessa forma, fez-se necessário definir o que é ser protagonista e sobre isso as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Criciúma enfatizam que a criança é protagonista quando tem a autonomia “[...] de tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro.” (SANTA CATARINA, 2016, p. 179).

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola localizada no centro de Criciúma. Os sujeitos dessa pesquisa foram dez crianças de cinco anos de idade, de classe média alta e frequentando a mesma turma na escola. A turma do infantil 4 foi escolhida para a realização da pesquisa, pois ao conviver diariamente com essas crianças durante dois anos e ouvir suas vozes surgiu a motivação para registrar essas falas.

Segundo Santos e Santos (2010), a pesquisa de campo baseia-se em coletar dados de fenômenos que acontecem na realidade dos sujeitos pesquisados, a fim de responder o problema da pesquisa, baseando-se também em uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa de natureza básica com abordagem qualitativa “é uma forma de estudo da sociedade que se centra na forma como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas vivem.” (SANTOS; SANTOS, 2010, p.42).

A pesquisa foi descritiva, pois de acordo com Santos e Santos (2010) partiu da observação da realidade vivenciada pelas crianças na Educação Infantil, com o intuito de explorar e descrever por meio de registros escritos situações nas quais houve interação das crianças com a literatura.

Inicialmente foi estabelecido contato com a diretora e a professora responsável pela turma de uma escola no município de Criciúma – SC que será denominada Escola XX. Estabeleceu-se então o contato com as crianças, convidando-as a participarem dessa pesquisa.

Para a realização da pesquisa foram utilizados os seguintes critérios de observação: observar quais recursos utilizados pelas crianças durante a contação; observar quais histórias as crianças escolhem para contar; observar se as crianças fantasiam novas histórias a partir de experiências da realidade; observar o que as crianças imaginam a partir de objetos do seu cotidiano, relacionados as histórias que contam e observar se as crianças são protagonistas durante a narração de histórias.

Foram dois encontros com duração de duas horas cada com os sujeitos pesquisados. No primeiro momento solicitei que cada criança escolhesse um codinome, que poderia o nome de um personagem de histórias. Chapeuzinho Vermelho, Princesa Sofia, Frozen, Pequeno Príncipe 1, Pequeno Príncipe 2, Lobo Mau, Raposa, Rosa, Princesa e O menino que virou lata, foram os nomes escolhidos pelas crianças. O menino que virou lata foi um nome escolhido por uma criança e que também é uma história criada pelo mesmo.

Logo após, foi solicitado que as crianças contassem algo que lhes trazia boas memórias, intitulado de doces lembranças. Poderia ser um lugar, um cheiro, um livro, um desenho, uma carta, um brinquedo, entre outros, pois existe “uma relação recíproca entre a imaginação e as emoções.” (VIGOTSKI, 2009, p.18).

As crianças se organizaram em círculo para iniciar a roda de conversa, a fim de “que todos tenham voz e vez, para expressar seus pontos de vista, vivências, questionamentos, entre outros. A roda fortalecerá os vínculos afetivos do grupo, estabelecendo relações, quer seja de ouvinte ou protagonista do cotidiano.” (SANTA CATARINA, 2016, p. 111).

3.1 Nossas vozes entrelaçadas em uma história

Propôs que as crianças contassem algo que lhes trazia boas memórias, poderia ser um lugar, um cheiro, um livro, um desenho, uma carta, um brinquedo, entre outros. Depois de compartilharem suas experiências, as crianças criaram uma história, partindo do contexto “imagine um lugar onde tudo é possível”. As crianças escolheram os personagens da história “O Pequeno Príncipe” para visitar essas doces lembranças.

As crianças compartilharam suas doces lembranças com os amigos, sendo que quatro dessas falaram sobre a família e as interações. Chapeuzinho Vermelho diz gostar “de ir na casa do meu avô”; Princesa Sofia menciona “Brincar de massinha com a mamãe” como sua lembrança favorita.

Fronzen diz que gosta “quando minha mãe e minha família brinca comigo e também gosto de paz, amor e silêncio” e Rosa gosta de “cantar e inventar música com minha mãe”. As crianças recordaram momentos que tiveram com a família, essas vivências evidenciam que a criança “carrega consigo uma bagagem histórica, social e cultural.” (REIS e NEITZEL, 2018, p. 58).

Durante as narrativas, é possível perceber que as crianças valorizam as brincadeiras e a interação com seus amigos. O Pequeno Príncipe 1 falou: “Eu gosto que eles brinca comigo, que eles fazem amizade comigo, gosto quando se comporta”, em seguida, Pequeno Príncipe 2 mencionou gostar de “brincar com meu amigo, gosto também de ir na piscina, gosto de ir no Beto Carreiro”. Lobo Mau e O menino que virou lata citaram como doce lembrança jogar futebol e a Raposa disse que sua doce lembrança é “brincar com os amigos”.

As falas das crianças vão ao encontro do que diz a Base Nacional Comum Curricular, que cita:

[...] as interações e a brincadeira são os eixos estruturantes das práticas pedagógicas, pois são fundamentais para a capacidade de conviver, de estar junto, de dialogar e de participar. Ao interagirem, as crianças atribuem sentidos e significados coletivos para o mundo. Dentre as formas culturais de agir, sentir e pensar das crianças pequenas, a brincadeira é o modo singular de elas se constituírem como sujeitos produtores das culturas infantis. (BRASIL, 2016, p. 55 - 56).

Na roda de conversa, foi possível perceber que todas as crianças protagonizaram momentos de interação e de troca de experiências, pois ao falarem sobre suas doces lembranças, as mesmas expressaram-se oralmente compartilhando suas vivências, como também, ouvindo o que as outras crianças tinham a dizer. A oralidade é importante para que a criança amplie seu vocabulário, além disso, “[...] por meio da interação, a criança partilhará significados e será significada pelo outro.” (SANTA CATARINA, 2016, p.108).

Depois de compartilharem suas experiências, as crianças foram convidadas a criar uma história em conjunto, partindo do contexto: imagine um lugar onde tudo é possível. Durante esses momentos as narrações dos sujeitos participantes da pesquisa foram escritas em um diário de campo.

As crianças escolheram em conjunto os personagens do Pequeno Príncipe feitos de feltro para compor a história criada e visitar as doces lembranças mencionadas anteriormente. Elas fizeram essa escolha a partir de um projeto da professora titular que, durante todo o semestre, proporcionou e planejou situações em que as crianças vivenciassem momentos com esses personagens e com o livro *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry.

Todas as crianças queriam começar a história e estavam empolgadas quando, de repente, o Pequeno Príncipe 2 disse: “eu começo porque levantei o dedo primeiro”. Diante desse argumento todas as crianças acharam justo ele começar a história que começou assim:

Era uma vez o pequeno príncipe, ele ficou passeando e encontrou o aviador e viajou com o avião dele. À noite eles encontraram a raposa que trouxe uma surpresa para o Pequeno Príncipe que era a rosa. E aí é noite, eles dormiram virados para o céu e viram as estrelas. E de dia eles passearam e encontraram um amigo.

Raposa continuou a história dizendo que:

A rosa contou um segredo para o Pequeno Príncipe. O Pequeno Príncipe achou que a rosa estava mentindo, só que não era. O Príncipe chorou porque a Raposa e o pequeno príncipe separaram e depois ficaram pertinho um do outro, aí a rosa veio, o Piloto veio, o Pequeno príncipe veio.

Percebeu-se, na narrativa do Pequeno Príncipe 2 e da Raposa, que os mesmos contaram episódios da história literária do escritor Antoine de Saint-Exupéry intitulada *O*

Pequeno Príncipe. Essa ação está relacionada com o que Vigotski (2009) chama de reprodução criativa, quando não se imagina algo novo, mas cria-se por meio de experiências significativas.

Chapeuzinho Vermelho continuou a história dizendo que “o Pequeno Príncipe, a Raposa e a flor, a gente foi lá na minha casa tomar um iogurte. Logo após, Rosa complementou dizendo: “eu e o Pequeno Príncipe, a gente foi na minha casa cantar. Cantar é a coisa que eu mais gosto de fazer, eu não gosto de cantar música de verdade, eu gosto é de inventar”.

As narrativas de Chapeuzinho Vermelho e Rosa despertaram nas crianças diversas emoções e troca de experiências. Quando a Chapeuzinho Vermelho falou de iogurte, as crianças queriam saber qual era o sabor e disseram também seus sabores preferidos. Quando Rosa falou sobre gostar de inventar música, todos começaram a lembrar da música que estão ensaiando para festa de final de ano, começaram a cantar e a dançar.

De acordo com essa troca de experiências, Honorato (2007) ressalta que assim como um leitor de um livro é ativo, na narração oral acontece uma partilha entre quem conta e o ouvinte, por meio da vibração da voz, das expressões faciais, pelas reações de ambos e pela emoção que a história pode desencadear, nesse sentido, cria-se espaços de interação.

Complementando a história, as crianças mencionaram nas narrativas suas brincadeiras relacionando-as com personagens da Literatura Infantil. Fronzen disse que “O Pequeno príncipe foi chamar a Raposinha e todo mundo foi ver o por do sol. Todo mundo jogou um joguinho bem legal com a minha família”. Lobo Mau mencionou que o “Pequeno Príncipe, o elefante, a rosa e o avião foi jogar futebol, o Pequeno príncipe fez um gol.”.

O menino que virou lata continuou a história dizendo: “eu fui brincar com a Rosa jogando futebol e vôlei em outro planeta que se chama júpiter. E jogaram a bola lá na Itália.”. Em complemento Princesa Sofia disse: “eu e Pequeno príncipe fomos lá brincar de massinha de todas as cores e a gente fez pizza.”

De acordo com as narrativas de Fronzen, Lobo Mau, O Menino que virou lata e Princesa Sofia, nota-se que as crianças evidenciaram um repertório cultural, suas vivências e brincadeiras, e criaram assim, uma história rica em acontecimentos e emoções, como quando o menino que virou lata acrescentou Itália à sua narrativa, lugar onde morou por um tempo,

enquanto falava, sua expressão era de alegria.

Relacionando com as falas das crianças, traz-se a reflexão de Vigotski (2009, p. 13) enfatizando que “[...] quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição na sua experiência, mais importante e reprodutiva, em circunstâncias semelhantes, será sua atividade imaginativa.”.

Em seguida, Pequeno Príncipe 1 contou que “o Pequeno Príncipe foi visitar a minha casa e lá a gente brincou de carrinho aí a gente viu histórias do gete, dos ursos, do carros. Princesa continuou a história dizendo: “depois a gente foi no conto de fadas, a gente foi no país das maravilhas comer um monte de docinho [...] apareceu um unicórnio e a gente voou nele para o País das maravilhas encontrar a Emília e a Narizinho.”.

Ficou evidente, na narrativa do Pequeno Príncipe e da Princesa, que os livros são significativos para os mesmos, pois acrescentaram personagens de obras literárias somadas as suas vivências para criarem uma história. As crianças devem ter contato com diversas obras literárias, a fim de “[...] desenvolver o seu potencial crítico, podendo pensar, duvidar, questionar, gostar ou não, concordar ou não. Começariam a amar um gênero, um autor, uma idéia, um tema – há tanto para descobrir.”. (HONORATO, 2007, p. 77).

As crianças criaram coletivamente uma história, envolvendo nesta, suas emoções e experiências da realidade, fazendo desta narração uma experiência única e encantadora.

3.2 Narrativas infantis

O segundo momento propôs que cada criança escolhesse um livro que estava disponível na escola. “Essa atividade de escolha do livro colabora para estimular a autonomia, a liberdade de escolha e a tomada de decisões.” (REIS; NEITZEL, 2018, p. 68). Essas histórias fazem parte do projeto literário da escola, no qual, oportunizam que as crianças levem o livro para casa, com o intuito de partilharem com a família e esta participar das ações da escola.

Além disso, em um baú havia objetos do cotidiano escolhidos pelas crianças, como, brinquedos (boneca Poly, móveis e animais), esponja de maquiagem, lápis cor de rosa, caneta, penal e apontador propondo que as mesmas imaginem assim os itens escolhidos na

história narrada ou utilizem como recursos para contarem a história se assim desejarem. As crianças podiam explorar todos os espaços da sala para contar a história e tinham autonomia para escolher qual recurso utilizar e para quem contar.

Princesa Sofia escolheu a história *Um porco vem morar aqui*, Pequeno Príncipe 1 e Pequeno Príncipe 2 disseram gostar da história *Para que servem os amigos*, Princesa escolheu o livro *Nem sempre é fácil dividir* e Rosa *O nascimento da lua*. As crianças estavam empolgadas em compartilhar as histórias escolhidas com os demais, demonstrando entusiasmo ao falarem dos livros e personagens. Princesa Sofia, Pequeno Príncipe 1, pequeno Príncipe 2, Princesa, Rosa e Princesa Sofia escolheram brinquedos que estavam no baú para narrarem.

Chapeuzinho Vermelho escolheu a história “Mundo das coisas” escrita por Marcelo Chavier e em sua contação imaginou que o penal era uma mesa e o apontador virou um carro. A caneta virou o personagem Nicolau. Lobo mau escolheu a história “Legal é ter cuidado” de Fabio Gonçalves Ferreira: a esponja de maquiagem virou uma bicicleta. Raposa e Fronzen disseram que queriam contar a história *O Pequeno Príncipe*, utilizando em sua contação personagens feitos de feltro.

Ao escolherem os livros que mais gostam e compartilharem com os amigos, cria-se um vínculo afetivo com o livro e com o outro, além de liberdade de escolha e desenvolvimento da autonomia. Nesse sentido, Reis e Neitzel (2018) argumentam que manusear livremente um livro, percebendo este como um brinquedo a ser sentido, tocado, abraçado e compartilhado, possibilita trocas de experiências entre os sujeitos que ampliam sua visão de mundo.

O menino que virou lata contou a história *A parte que falta* escrita por Shel Siluertein, ele também escolheu mais seis livros para contar, além disso, mencionou que sua história preferida chama-se *O menino que virou lata*, na qual, ele criou. Rosa disse: “ele já contou essa história outras vezes, foi ele que inventou. É muito legal.”.

Sobre a história criada pelo Menino que virou lata, Vigotski (2009, p. 5) nos leva a refletir que “[...] existe de fato criatividade não só quando se criam grandiosas obras históricas, mas, também, sempre que o homem imagina, combina, altera e cria algo novo [...]”.

Ficou evidente que as crianças têm uma relação de afeto com os livros, explorando este como um brinquedo a ser sentido e compartilhado. Como também, as crianças protagonizaram momentos de troca de experiências durante suas narrações e ações, nas quais imaginaram, a partir de objetos de seu cotidiano, personagens e cenários para contação de histórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os objetivos foram alcançados durante a pesquisa, por meio das ações das crianças durante a observação participante e com base em autores que abordam temas como a criança como protagonista, bem como, as narrativas durante a contação de histórias e a imaginação na infância.

Por meio do referencial teórico foi possível compreender a importância de valorizar a voz das crianças e suas ações, pois estas com suas diferentes particularidades imaginam, narram, brincam e produzem cultura. Além disso, é importante que a criança experimente o livro como um brinquedo, a ser explorado, sentido e tocado.

A partir da análise de dados, foi possível observar que todas as crianças foram protagonistas durante a roda de histórias, pois estas criaram coletivamente uma história acrescentando também, experiências da realidade vivenciadas. Além disso, tomaram decisões, e tiveram autonomia para escolherem como e qual história contar.

Os recursos escolhidos para a contação de histórias foram brinquedos e objetos como, penal, caneta, apontador e esponja de maquiagem, sendo que, estes ganharam novos significados durante a narração das histórias. Com isto, foi possível perceber que as crianças imaginaram a partir de objetos do seu cotidiano, os itens como personagens e cenários da história escolhida.

As histórias que as crianças escolherem para contar fazem parte do seu cotidiano escolar e, também, estes livros estão incluídos em um projeto que possibilita levá-lo para casa e partilhar com a família. Notou-se que as crianças têm um vínculo de afeto com os livros e que conhecem as histórias presentes no mesmo.

Identifica-se, portanto, que as crianças envolvidas nesta pesquisa são autônomas e

protagonistas durante a contação de histórias.

Conforme o estudo até o momento, destaca-se como uma pesquisa futura, relacionada com a criança como protagonista, observar como se desenvolve uma apresentação de teatro na Educação Infantil e se a criança tem voz ativa pra tomar decisões durante a escolha de figurinos e nos ensaios.

5 REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. V. 3. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2016.

CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel (Orgs). **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus, 1998. p. 151 - 170.

GIRARDELLO, Gilka. **Voz, presença e imaginação**: a narração de histórias e as crianças pequenas. 2007. 11 F. Dissertação. UFSC, Florianópolis.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Experiências com literatura nos relatos das crianças**: abrindo espaços de narrativa. 87 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação. Criciúma, 2007.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. São Paulo: Rev Esc Enferm USP, 2014. 199 p.

PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 248 p.

REIS, Gesiele; NEITZEL, Adair de Aguiar. **Experiências literárias com crianças pequenas em San Miniato**. Itajaí, SC: Univali, 2018. 120 p.

SANTOS, Maria de Fátima Ribeiro dos; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. **Metodologia da pesquisa em educação**. São Luiz: Uema Net, 2010. 64 p.

SANTA CATARINA. Secretaria de Educação. **Diretrizes curriculares da educação infantil da rede municipal de ensino de Criciúma:** a criança como protagonista da aprendizagem. Criciúma: B2BM Marketing e Publicidade, 2016

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** 2.ed. Curitiba, positivo, 2005. 144. p

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. Ed. São Paulo: Global, 2003. 118 p.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2009. 134 p.